

WENDT, HEIDI. *AT THE TEMPLE GATES: THE RELIGION OF FREELANCE EXPERTS IN THE ROMAN EMPIRE*. 1ª ED. NOVA YORK: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2016. 262P. ISBN: 9780190267148

Ana Paula Scarpa¹

Em *At the Temple Gates: The Religion of Freelance Experts in the Roman Empire* (2016), a classicista Heidi Wendt parte de fontes textuais de diversas naturezas para analisar a existência e crescimento do que considerou uma categoria de agentes – os “especialistas religiosos autônomos” [*freelance religious experts*]. Categoria essa a qual definiu como “atores autoproclamados cujas práticas recrutavam diretamente deuses e seres semelhantes em um grau significativo” (Wendt, 2016: 30). Segundo a autora, esses indivíduos ofertaram uma classe particular de atividades religiosas atestada nos dois primeiros séculos do Império Romano. Eram, portanto, sacerdotes autodesignados, profetas, iniciadores de mistérios, *magi*, sacrificadores, astrólogos, pregadores, apóstolos, dentre outros; os quais, apesar de resguardarem especificidades de atuação, linguagem, habilidades e serviços prestados, ocuparam o mesmo nicho social no mundo romano.

Ao contrário de perspectivas anteriores que os caracterizaram como “charlatões”, especialmente as de Ramsay McMullen e Morton Smith, Wendt compreende as atividades desses múltiplos agentes como formas autênticas de capitalizar para si o interesse por conhecimentos, ritos e técnicas compreendidas como exóticas ou estrangeiras mediante um cenário de competitividade criado pela abertura de múltiplas opções de contato com os deuses e demais seres sagrados. Diante desse quadro, a autora chama especial atenção para aqueles que foram capazes de fazê-lo de maneira intelectualizada – como no caso de Paulo de Tarso e dos Padres Apostólicos – os quais, pela utilização da tradição escrita e da incorporação de debates filosóficos mais elaborados, conseguiram maior alcance e autoridade.

¹ Doutoranda – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: anacarvalhohist@gmail.com

Dessa maneira, a autora aborda o crescimento da diversificação, especialização, “codificação étnica” e influência exercida por tais atores como reflexo de um contexto imperial culturalmente heterogêneo em decorrência dos diversos processos de mobilidade, conectividade e intercâmbios socioculturais no Mediterrâneo Antigo à época. Este é o pressuposto que permeia toda a obra e dá sustentação à tese apresentada: a de que a atuação desses personagens, de forma independente ou semi-independente de grupos e instituições, impactou diretamente nas transformações do cenário religioso imperial dos séculos I e II EC como, por exemplo, no surgimento e consolidação do cristianismo. Com a finalidade de sustentar tal tese, Wendt apresenta seus argumentos em cinco capítulos, para além da introdução e conclusão.

Na Introdução, de nome *Freelance Experts in the Study of Religion*, são apresentados a definição inicial da categoria dos especialistas religiosos autônomos e os principais parâmetros analíticos e conceituais que permeiam a obra, tal qual a concepção defendida de *religião*. Conforme exposta, são consideradas religião todas as formas, normativas ou não, pelas quais “os seres humanos em todas as culturas pensaram e se envolveram com seres divinos” (Wendt, 2016: 32). Definição essa que justifica a pluralidade e fluidez dos critérios que classificam os indivíduos como especialistas religiosos. Ademais, é realizada a defesa da utilização da documentação textual como forma eficaz de compreensão tanto daquilo que outros autores pensaram e escreveram sobre esses indivíduos quanto do que eles próprios registraram sobre sua atuação.

No primeiro capítulo, intitulado *The Religion of Freelance Experts in the Roman Empire*, Heidi Wendt analisa o crescimento da influência, atuação e carisma desses especialistas ao longo dos séculos I e II EC, bem como o reconhecimento desse processo por parte das autoridades romanas, a partir de dois indicativos. O primeiro refere-se ao aumento da terminologia para designá-los (*haruspices, sacrificuli, vates, sortilegi, magi, augures Marsi, astrologi, harioli, Chaldaei*, etc) ou à mudança da conotação dos termos anteriores que os identificavam. Por sua vez, o segundo está relacionado ao aumento da frequência e severidade das políticas e ações jurídicas contrárias à atuação e permanência desses indivíduos, principalmente em Roma. A autora destaca, assim, os diversos casos de expulsão de judeus, egípcios, astrólogos e queimas públicas de livros proféticos e oraculares, principalmente entre 33 AEC e 93 EC. Episódios esses que sustentam a argumentação de que a própria legislação romana compreendeu a categoria dos especialistas religiosos autônomos como uma unidade, ainda

que diversa, composta por indivíduos considerados estrangeiros, exóticos ou à margem daquilo que representaria a identidade romana dita tradicional.

Em continuidade à discussão anterior, no capítulo subsequente – *Ethnically Coded Experts and Forms of Religion* – a autora explora o fascínio das elites romanas pelas religiões estrangeiras e o fato de os especialistas religiosos frequentemente identificarem-se de forma “eticamente codificada”. Ou seja, apresentarem-se a partir de suas alegadas ancestralidades e proveniências com o objetivo de legitimarem suas habilidades específicas e os serviços por eles ofertados. Utilizando os exemplos dos egípcios e, principalmente, dos judeus, Wendt defende que esses últimos atuaram de forma a mobilizar elementos de sua tradição étnica (Sagradas Escrituras, mitos e personagens míticos) para conquistar notoriedade e desempenhar atividades religiosas específicas (como, por exemplo, exorcismos), da mesma forma que os especialistas religiosos gregos, etruscos, persas, caldeus, dentre outros, e suas respectivas “características religiosas étnicas”. Dessa forma, a autora procura superar a concepção tradicional do proselitismo judaico como projeto institucional a fim de ressaltar dois pontos. O primeiro, refere-se ao crescimento do número de não-judeus adeptos a determinadas práticas judaicas – os chamados “Judaizantes” – atestado nas críticas registradas por autores como Cícero, Tácito e Juvenal. Enquanto o segundo, apesar da diferenciação étnica interna, relaciona-se ao fato de as semelhanças de atuação justificarem o pertencimento desses e outros especialistas a uma classe comum de atividades religiosas.

Em *Rethinking ‘Magic’, ‘Religion’ and ‘Philosophy’*, terceiro capítulo do livro, Heidi Wendt investiga as interconexões próprias às atividades dos *magi*, filósofos e intérpretes das tradições religiosas, questionando a convencional compreensão atomizada de campos como “magia” ou “filosofia” guiada por pressupostos modernos. A autora apresenta a subcategoria dos “especialistas religiosos intelectualizados”, composta por indivíduos capazes de coadunar habilidades intelectuais, a leitura e a interpretação de escritos considerados divinamente inspirados – tais como os Oráculos Sibilinos e Caldeus, as poesias *Hermetica* e *Orphica*, os Livros de Hystaspes ou ainda as Sagradas Escrituras judaicas. Ao valorizarem o teor profético e esotérico desses registros, tais atores exerceram diferentes atividades de criação e interpretação de mitos, leituras oraculares e alegóricas, revelações de mistérios, exegeses, dentre outras. Apesar das diversas habilidades, interpretações e práticas contidas nessas diferentes tradições, Wendt defendeu que “todas compartilhavam táticas comuns de

autorização, terminologia filosófica básica e fontes alegadas de sabedoria” (Wendt, 2016: 137). Igualmente, todos aqueles que basearam suas atuações religiosas nessas mesmas referências – sejam mágicas, religiosas ou filosóficas –, devem ser compreendidos como membros da classe dos especialistas religiosos autônomos.

Os dois últimos capítulos são dedicados à realização de estudos de caso que pretendem comprovar a validade da categoria principal da obra – a dos “especialistas religiosos autônomos” – tal qual especificada anteriormente. No capítulo IV, intitulado *Paul, a rare witness to the Religion of Freenlance Experts*, a autora defende o pertencimento de Paulo de Tarso a essa classe de atores religiosos baseando-se em seis elementos fundamentais da atuação apostólica paulina: (1) as características étnicas de sua prática; (2) as interpretações diferenciadas das Escrituras judaicas; (3) a conjunção de outros discursos e habilidades intelectuais; (4) as punições que Paulo alega ter recebido; (5) a movimentação itinerante; e (6) as práticas econômicas por ele empreendidas. Dessa maneira, Wendt aponta o valor histórico das epístolas por fornecerem uma perspectiva interna ao contexto apresentado. Seja na vinculação circunstancial à tradição judaica para fins de legitimação e/ou diferenciação, no contexto competitivo de atuação entre os pares, na mobilização de um conceito filosófico – o *pneuma* [πνεῦμα] – para criar um programa religioso extensível aos gentios, nessas e em outras facetas a atuação paulina é, segundo a autora, correlata a dos demais especialistas religiosos autônomos. Da mesma forma são também equivalentes as habilidades que demonstra e os serviços por ele ofertados: purificação; reforma de caráter; mudança de essência e divinização; aquisição de habilidades religiosas especializadas; salvação e fuga do julgamento escatológico; deificação e imortalidade. Wendt propõe, portanto, a compreensão da atuação apostólica paulina tendo em vista um campo mais amplo de experiência independente, desvinculada da visão teleológica característica das abordagens sobre cristianismo primitivo.

No quinto capítulo do livro – *Christian Rival Within the Framework of Freelance Expertise* – Heidi Wendt dá continuidade à contestação de um início único para o cristianismo. Com isso, analisa a produção textual dos chamados “intelectuais-escretores” [*writer-intellectuals*] como Marcião, Justino, Valentino, Ptolomeu e Ireneu, com a finalidade de demonstrar como as agências desses indivíduos, tanto quanto a competição entre eles, permearam o contextos das diferentes construções discursivas sobre o(s) cristianismo(s) durante o século II EC. A autora retoma referências como

Karen King, Daniel Boyarin e Kendra Eshleman para teorizar a diversidade como o aspecto principal da atuação desses indivíduos, bem como situá-los na categoria dos especialistas religiosos autônomos. Destaca-se, assim, o pertencimento desses atores e seus textos a uma “rede literária mais ampla” considerada rica e regular, principalmente em Roma, na qual os indivíduos estavam cientes das produções alheias e, por isso, desenvolveram suas reflexões de modo a diferenciá-las das demais. No entanto, a busca pela exegese mais completa das Escrituras, pela revelação mais atraente, pelo desvelamento do maior mistério ou pela elaboração da cosmogonia mais complexa e esotérica extrapolou o âmbito discursivo e pode ser testemunhada também na formação das diferentes comunidades de adeptos. É dessa maneira, portanto, que na argumentação final do capítulo a autora propõe que “o contexto da experiência autônoma oferece um ambiente sustentável para se investigar as ‘origens’ de fenômenos religiosos primeiramente atestados nos séculos I e II EC” (Wendt, 2016: 190).

Na parte dedicada à conclusão do livro – *Freelance Experts in the Religious Marketplace?* – a autora realiza uma exposição resumida do que foi discutido nos capítulos anteriores, incluindo o reforço da relação entre a categoria mais vasta e diversa dos “especialistas religiosos autônomos” e a subcategoria dos “especialistas religiosos intelectualizados”. Assim, ressalta que a atenção conferida “às pré-condições de formas intelectualizadas da religião não deve, entretanto, ofuscar a proeminência dos especialistas autônomos que não possuíam pretensões intelectuais ou filosóficas” (WENDT, 2016: 218). Dessa maneira, Wendt menciona a importância de outras formas de registros escritos (como coleções de feitiços e ditos, horóscopos, livros divinatórios e *defixiones*), e ainda de objetos totalmente desprovidos dessa característica (como amuletos, gemas, símbolos iniciatórios, objetos e imagens funerários) para comprovar a grande abrangência de atuação dos autoproclamados especialistas religiosos autônomos. Por fim, a autora rejeita a concepção de “mercado” [*marketplace*] como uma metáfora eficaz para se pensar a diversidade de atuação, codificações étnicas e serviços ofertados concernentes às atividades religiosas dos dois primeiros séculos do período imperial, principalmente no que se refere à explicação dos contornos iniciais do cristianismo (conforme proposto por Rodney Stark). Embora reconheça a utilidade da ênfase na agência individual e na competição entre os atores, para Wendt “teorizar a experiência autônoma e suas interseções com outras formas de atividade religiosa e prática social

exige instrumentos e unidades de análise mais refinados do que a metáfora do mercado” (Wendt, 2016: 223).

Em uma perspectiva geral, pode-se alegar que o grau acentuado da autonomia atribuída aos autodesignados especialistas religiosos seja discutível; e que haja em alguns momentos uma supervalorização das agências individuais, principalmente quando abordadas de forma destacada das relações sociais, institucionais e mesmo contextuais que permearam as vidas desses indivíduos. Da mesma forma, pode-se conjecturar que a amplitude da abordagem proposta impeça a autora de analisar com maior minúcia estudos de caso relativos a outras tradições culturais, para além da vertente judaico-cristã. Contudo, esses não são fatores que desautorizam a validade da proposta apresentada em *At the Temple Gates: The Religion of Freelance Experts in the Roman Empire*.

Deve-se ressaltar a contribuição que Heidi Wendt fornece para o campo dos estudos da religião no Mundo Antigo ao construir um modelo interpretativo que aborde atividades religiosas e sujeitos tão distintos a partir de um mesmo parâmetro analítico. Nessa perspectiva, a autora demonstra a preocupação em contemplar a natureza complexa das conjunturas históricas ao invés de valer-se das interpretações fracionadas vinculadas a escolas e áreas de conhecimento específicos. Exemplo importante pode ser vislumbrado a partir da destituição da ideia de “uma origem” do cristianismo, centrada em um personagem único ou em um acontecimento definido. Pelo contrário, observa-se a ênfase no caráter heterogêneo das atuações dos especialistas religiosos intelectualizados, evitando-se assim a projeção de conceitos posteriores – como *heresia* e *ortodoxia* – para o contexto dos diversos cristianismos do século II EC.

De igual importância é a amplitude e diversidade atribuídas à categoria dos especialistas religiosos autônomos, o que permite aos pesquisadores refletirem sobre a possibilidade de pensá-la também em outros escopos temporais e espaciais. Conforme a formatação na qual foi construída, tanto a categoria central como os membros e as atividades religiosas que a caracterizaram não estão encerrados ao recorte cronológico ou registro documental contemplados na obra. Pode-se ir além. Assim sendo, verifica-se não apenas o amplo conhecimento de fontes variadas e da bibliografia especializada por parte da autora, mas também a atualidade da proposta apresentada tendo em vista sua correlação com os estudos contemporâneos sobre Mundo Antigo, os quais têm buscado enfatizar cada vez mais os múltiplos processos de conectividade, intercâmbio e mobilidade de ideias, bens e pessoas.

Em suma, pela validade da proposição de uma nova chave interpretativa e pelo intuito de superação dos antigos juízos de valor que ela engendra, acreditamos que a obra aqui exposta tenha muito a contribuir às pesquisas de todos os que se dedicam a compreender as inúmeras facetas das atividades religiosas verificadas na Antiguidade.

Referência bibliográfica

WENDT, Heidi. *At the Temple Gates: The Religion of Freelance Experts in the Roman Empire*. 1ª Ed. Nova York: Oxford University Press, 2016.